



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO



LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

NATALIA MATTOS DE QUEIROZ

**O BEBÊ E O LIVRO:
INTERAÇÕES E LITERATURA**

Rio Claro
2016

NATALIA MATTOS DE QUEIROZ

O BEBÊ E O LIVRO:
INTERAÇÕES E LITERATURA

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luís Mialhe

Co-orientadora: Profa. Dra. Cristina Maria Vasques

:

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Rio Claro, para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Rio Claro
2016

418.4 Queiroz, Natália Mattos de
Q3b O bebê e o livro : interações e literatura / Natália Mattos de Queiroz. - Rio Claro, 2016
35 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Jorge Luís Mialhe
Coorientadora: Cristina Maria Vasques

1. Leitura 2. Literatura infantil. 3. Desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos. 4. Leitura para bebês. 5. Primeira infância. I. Título.

*Dedico este trabalho a meu
querido e amado filho Isaac,
que é a razão do meu viver.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me iluminado e capacitado em todos os momentos durante esta jornada.

Aos meus pais Ulisses e Sandra que, de uma forma muito especial e única, sempre estiveram ao meu lado nos momentos bons e, principalmente, nos momentos de dificuldades que enfrentei.

A minha querida irmã Juliana, pelo carinho e apoio nos momentos de fraqueza.

Ao meu filho Isaac, que teve a paciência de conviver com a minha ausência, certo do meu imenso e sincero amor por ele. Sem que percebesse, me iluminou e me deu forças para nunca desistir dessa caminhada.

A minha amiga Bruna, pelo incentivo e companheirismo. Que Deus conserve sempre a nossa amizade.

Ao meu orientador Professor Doutor Jorge Luís Mialhe e à minha co-orientadora Professora Doutora Cristina Maria Vasques, pela mansidão e responsabilidade em suas orientações.

A todos que estiveram presentes, direta ou indiretamente, compartilhando as alegrias e tristezas, acrescentando, cada um a seu modo, algo especial em minha vida.

Muito obrigada a todos os meus familiares, professores amigos e colegas que, de alguma maneira, estiveram presentes em momentos marcantes da minha vida universitária. Esses momentos ficarão guardados, para sempre, em meu coração!

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar como se dá a interação do bebê com o livro, a leitura e a literatura infantil. Nosso interesse por esse tema surgiu quando percebemos que essa fase da infância tem sido negligenciada em sua especificidade, tanto na legislação brasileira quanto nos estudos a respeito da primeira infância – que trata da criança de 0 a 3 anos. Para darmos conta de nossa proposta, fizemos uma pesquisa bibliográfico-descritiva de caráter qualitativo, fundamentada nos estudos de Evélio Cabrejo Parra (2010), Mariana Senhorini e Sueli Bortolin (2008), Franco Frabboni (1998) e Fanny Abramovich (1995), dentre outros estudiosos, de modo que pudéssemos compreender qual a relação entre livro, leitura e literatura e em que medida o contato com o livro, a leitura e a literatura infantil pode contribuir para o desenvolvimento da criança na primeira infância e para a formação do hábito de leitura. Esperamos que a pesquisa possa orientar professores e monitores, pais e cuidadores de bebês, de modo que eles se conscientizem da necessidade e da importância da leitura “desde o berço”.

Palavras-chaves: Bebês. Literatura infantil. Desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos. Leitura para bebês. Primeira infância.

ABSTRACT

This research had as objective to investigate how is the baby interaction with the book, the reading and children's literature. Our interest in this subject arose when we realized that this phase of childhood has been neglected in its specificity, both Brazilian legislation as in studies regarding of the early childhood - which deals with child 0 to 3 years. To give account of our proposal, we did a search bibliographic-descriptive of qualitative character, based on studies of Evélio Cabrejo Parra (2010), Mariana Senhorini and Sueli Bortolin (2008), Franco Frabboni (1998) and Fanny Abramovich (1995), among other scholars, so that we could understand what the relationship between book, reading and literature and what standard the contact with the book, reading and children's literature can contribute to the development of children in early childhood and for the formation of the habit of reading. We hope that research can guide teachers and mentors, parents and caregivers of babies, so that they are aware of the necessity and importance of reading "from the cradle."

Keywords: Babies. Children's literature. Child development from 0 to 3 years. Reading to babies. Early childhood.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 BREVE PANORAMA SOBRE A PRIMEIRA INFÂNCIA	9
3 OS TRAJETOS DESTA PESQUISA.....	15
3.1. Objetivos	15
3.2. O Percurso da Pesquisa	15
3.3. Autores Pesquisados	16
4 O BEBÊ E O LIVRO	18
4.1 De Leitura e Literatura para Crianças	18
4.2 O Bebê: Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem e seus Mecanismos Biológicos	21
4.3 Leitura e Literatura na Primeira Infância	23
4.3.1 Bebetecas.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que tudo o que envolve crianças muito pequenas ainda demanda muito estudo e pesquisa, especialmente no Brasil, onde só recentemente – na década de 1980, quando a Constituição Federal de 1988 assegurou o direito de atendimento a crianças de 0 a 6 anos em creches e pré-escolas e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 passou a definir a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica – é que a chamada “primeira infância” despertou a curiosidade de pesquisadores (BARROS, 2008).

Foi justamente a pouca informação sobre o tema que nos levou a pesquisá-lo. Porém, precisávamos de um recorte, pois seria impossível estudar todos os aspectos que envolvem a educação da criança de 0 a 3.

Assim, escolhemos pesquisar sobre a leitura na primeira infância, devido à grande importância dada ao livro, à leitura e à literatura nos últimos anos – tanto que a disciplina “Literatura Infantil” foi incluída no currículo dos cursos de pedagogia recentemente e nossos professores de estágio, metodologia e prática de ensino nos orientaram no sentido de “usar e abusar” da leitura literária em sala de aula. Além disso, o Governo Federal tem criado programas de incentivo ao livro e à leitura como o PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola), dentre outros.

Especialistas afirmam que mesmo durante a gestação, a relação de afetividade entre a mãe e o bebê é elementar para a constituição e o fortalecimento do vínculo entre eles. Afirmam também que o embrião consegue receber as vibrações dos sons emitidos pela voz materna e essa relação de troca fortalece o elo entre o feto e a mãe (MOSER, 2013). Dessa forma, pode-se afirmar que a leitura é uma das possibilidades de relação de troca entre mãe e filho, desde o seu ventre.

No entanto essas constatações nos levam a indagar: os bebês de 0 a 3 anos de idade conseguem realmente assimilar a leitura de uma obra literária feita pela mãe ou por outra pessoa, favorecendo assim seu desenvolvimento? O contato com os livros, a leitura e a literatura é importante para uma criança de 0 a 3 anos? Como se dá a interação do bebê com o livro, a leitura e a literatura? Para responder essas questões, dividimos este trabalho em três capítulos. No primeiro, buscamos fazer uma breve retrospectiva sobre a infância e apresentamos, além de autores já consagrados que se dedicaram a esse tema como Phillipe Ariès (1981), a perspectiva do educador

italiano Franco Frabboni (1998), que a divide sua construção ao longo dos séculos em três fases: a infância negada, a infância industrializada e a infância de direitos. Vimos ainda, nesse capítulo, como se configura a infância no Brasil.

O capítulo 2 constitui-se na qualificação e trajetória deste trabalho, trazendo nossos objetivos. Apontamos que procedemos a uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico-descritivo, pois procuramos registrar e correlacionar fatos sobre o tema relatados nos livros e artigos que estudamos, sem manipulá-los. Nesse capítulo, apresentamos ainda os autores estudados.

No terceiro capítulo dedicamo-nos a descrever o que encontramos sobre livro, leitura e literatura para crianças: sobre a importância da literatura e da leitura para a criança desde sua mais tenra idade. Apresentamos brevemente como se processa o desenvolvimento do cérebro e da linguagem na criança e, por fim, falamos da leitura na primeira infância, dando destaque à bebeteca, espaço de leitura destinado a bebês e pais, onde pais aprendem, com pessoal especializado a ler para seus filhos.

Por fim, fazemos as nossas considerações finais, apresentando uma síntese do que estudamos e deixando nossa sugestão é para que o livro, a leitura e a literatura sejam mais e melhor trabalhados na primeira infância, especialmente nas escolas.

2 BREVE PANORAMA SOBRE A PRIMEIRA INFÂNCIA

A primeira infância é um período de extrema importância na vida da criança, sendo uma fase em que ocorrem intensos processos de desenvolvimento mental, emocional e de socialização, destaca Newcombe (1999).

Este período compreende desde a gestação até os anos iniciais do indivíduo – até os seis anos, aproximadamente. Nessa fase, todo estímulo oferecido à criança é absorvido e as transformações cerebrais, duradouras (UNESCO, 2005).

Observa-se que as oportunidades cedidas à criança durante a primeira infância proporcionam seu desenvolvimento enquanto ser humano. Ou seja, tudo que ocorre ao seu redor desde os primeiros dias de vida são aprendizados.

Sendo assim, cada ação é relevante para seu amadurecimento, sendo fundamental valorizar todos os estímulos possíveis para que as crianças construam habilidades desde os primeiros meses de vida, as quais serão imprescindíveis para um crescimento saudável.

Nos primeiros três anos de vida a criança desenvolve capacidades cognitivas, adquire autocontrole, inicia a aprendizagem de movimentos, a formação social e afetiva. Seu aprendizado se dá por meio das brincadeiras e experiências vivenciadas por ela. Então, tudo o que acontece nessa fase, bem como todos os relacionamentos, influenciam na aprendizagem da criança, que vai assimilando valores (BISSOLI, 2014).

Nos anos seguintes, suas aptidões são aperfeiçoadas, suas habilidades motoras finas, linguagem e sociabilidade são aprimoradas. Esses primeiros anos, são determinantes para que a criança se constitua como indivíduo social. Inicia-se também, nessa fase, o seu aprendizado relacionado à leitura e à escrita, especialmente quando ela vai para a escola:

A aprendizagem da criança de zero a seis anos, no espaço institucional, faz-se por meio da ação e da observação sobre o meio, da construção de práticas e de sua capacidade simbólica e, tudo isso, por meio das interações sociais que vivencia. Nesse âmbito da aprendizagem, constrói conhecimento social, afetivo, motor e cognitivo (GOULART, 1999, p. 14).

O educador italiano Franco Frabboni (1998) fala sobre a construção da infância

em três distintas fases: a infância negada ou a criança-adulto, até o séc. XV; a infância industrializada, do séc. XVI até meados do séc. XVIII; e a infância de direitos ou a criança-sujeito social, até os dias atuais.

Até aproximadamente o séc. XV, de acordo com as pesquisas de Phillipe Ariès (1981), a arte desconhecia a infância, o que demonstrava a falta de espaço, na sociedade medieval, para os mais novos. Quando representadas, as crianças se assemelhavam a mini adultos e muitas vezes tinham as mãos dadas com representações da morte, em alusão à alta mortalidade infantil. Se conseguissem chegar aos sete anos, eram introduzidas no mundo adulto sem nenhum preparo, para que, junto aos mais velhos, aprendessem as profissões que teriam quando crescessem:

Ninguém pensava nelas (as crianças) como criaturas inocentes, nem na própria infância como uma fase diferente da vida, claramente distinta da adolescência, da juventude e da fase adulta por estilos especiais de vestir e de comportar. As crianças trabalhavam junto com seus pais, quase imediatamente após começarem a caminhar, e ingressavam na força de trabalho adulta como lavradores, criados e aprendizes, logo que chegavam à adolescência (DARNTON, 1986, p. 47).

A escola, que era reservada para a formação dos clérigos, não tinha como função a instrução da criança. A grande preocupação existente era ter filhos para que cuidassem dos pais anos depois. No entanto, isso não significava a ausência de sentimento dos adultos para com a criança, mas, devido à alta taxa mortalidade, a criação de laços afetivos era prejudicada. O início da descoberta da possível “alma infantil” ocorre quando os padres locais passaram a não aceitar que as crianças morressem sem o batismo (ARIÈS, 1981).

A marcação do início de uma segunda fase não é exata, do mesmo modo que os acontecimentos que a seguem também não se dão de modo linear. É preciso lembrar que os acontecimentos que se seguiram se deram entre meninos de altas classes e depois, com o decorrer do tempo, foram se estendendo para outras classes e para as meninas. Essa segunda fase proposta por Frabboni (1998) sobre a construção da infância apresenta a nova postura que os religiosos e educadores passam a ter frente à criança, de que ela é frágil e pura. No entanto, já havia preocupação e interesse no que se refere aos aspectos psicológicos infantis.

Começa, então, uma campanha de abertura das escolas para as crianças, de modo a “enclausurá-las” para que tivessem menos contato com o mundo adulto – que corrompia sua inocência e pureza – e pudessem ser preparadas para ele. No início, pode-se dizer que essa iniciativa era um pouco falha, já que dentro das escolas não havia separação etária dos alunos (FRABBONI, 1998).

Um fator importantíssimo para o fortalecimento da ideia de infância foi a revolução industrial, que formou a família moderna e a divisão dos espaços: a casa (local da família) e a indústria (local do trabalho). Essa separação levou a um fechamento do núcleo familiar, que tendeu à formação de um sentimento de afeto muito forte. Outro fator imprescindível foi a difusão da máquina tipográfica e a consequente popularização da leitura, o que dividiu a sociedade em dois grupos: os que sabiam ler e os que não sabiam ler (FRABBONI, 1998).

A nova família, a necessidade de se ensinar os mais novos a ler e a preocupação moral devido à pureza infantil levaram a uma expansão do número de crianças nas escolas, que passaram a seguir uma doutrina bem específica: conhecer para corrigir. A delação e os castigos físicos são as principais características desse sistema. Com o tempo, as próprias famílias começaram a considerar eficiente o uso dos castigos físicos, o que instigou o surgimento de métodos de ensino que até hoje têm reflexos em nossa educação (HISTÓRICO, 2013).

Dentre os problematizadores da infância está John Locke Para ele, a criança era como uma folha em branco e absorvia passivamente o conhecimento:

A proposição de que o ser humano vem ao mundo sem qualquer tipo de conhecimento é a base da teoria da tabula rasa, um conceito lockeano que compara a criança ao papel em branco, ambos sem experiências anteriores, portanto, vazios no que se refere ao pensamento. Mas, ao mesmo tempo, ambos estão aptos a aprender, a serem preenchidos por saberes que serão as mais importantes impressões de toda sua vida (TERUYA et al., 2009, p. 4).

Locke (1986) também acreditava que as crianças não tinham motivação natural para o aprendizado e que, portanto, a criação de jogos educativos seria essencial para que os mais jovens se sentissem convidados a conhecer. Para ele os castigos físicos, embora não totalmente dispensáveis, poderiam tornar o menino um adulto medroso e frágil:

Os golpes e os demais castigos servis e corporais não convêm, pois, como meio de disciplina na educação de uma criança que queremos fazer um homem prudente, bom e ingênuo e, por conseguinte, raras vezes será aplicado e somente em grandes ocasiões, em casos extremos (LOCKE, 1986, p. 79).

A terceira fase de que fala Frabboni (1998) pressupõe da ideia de proteção e é extremamente marcada pelas chamadas novas ciências: a psicologia, a pedagogia e a psicanálise. Essas novas ciências demonstraram, ao longo de suas pesquisas, a qualidade da infância e não apenas a sua existência, o que é essencial para o desenvolvimento humano. A escola, então, toma outro rumo. Os castigos físicos são proibidos e são inventadas novas punições. O objetivo, além da formação acadêmica e científica dos jovens, é a formação psicológica e cidadã, mas, o que mais marca essa nova fase da infância é a contradição existente entre teoria e prática.

Se na teoria é um mar de rosas, na prática depende principalmente da condição socioeconômica e do contexto em que a criança se insere. O que vemos como principal mudança da prática como um todo é a proliferação de movimentos em defesa e preservação da infância. Porém, ainda hoje existem milhões de crianças que são tratadas como se nada tivesse ocorrido durante essas transições ao longo dos séculos (ARIÈS, 1981).

No Brasil, a desigualdade social é um problema que afeta grande parte dos brasileiros, atingindo não somente os adultos, mas também as crianças de todas as idades e raças existentes no país, sendo a maior parte de indivíduos negros (AGUIAR; NASCIMENTO; BARKER, 2007). Há uma má distribuição de riquezas, o que faz com que a taxa de mortalidade infantil seja grande, principalmente nas regiões Nordeste e Norte, respectivamente (FRANCISCO, 2016).

A mortalidade infantil é um problema global que atinge diversos países. Suas maiores causas são a falta de assistência e de orientação às grávidas, a deficiência na assistência hospitalar aos recém-nascidos, a ausência de saneamento básico, desencadeando a contaminação de alimentos e de água, resultando em outras doenças, e a desnutrição (FRANCISCO, 2016).

Apesar de neste milênio ter diminuído significativamente a taxa de mortalidade infantil No Brasil – de quase 30% no ano 2000 para 13,82% em 2015, o país é o terceiro da América do Sul com maiores taxas, perdendo apenas para a Bolívia e para a Guiana (AGUIAR; NASCIMENTO; BARKER, 2007).

A diminuição da mortalidade infantil foi decisiva para o fortalecimento do sentimento em torno da infância. Porém, a ideia da criança como portadora de direitos surgiu depois de mais de uma década pós-segunda guerra. Em 1959 foi promulgada a Declaração de Direitos da Criança, reconhecendo-a universalmente como sujeito de direitos (DECLARAÇÃO, 1959). No Brasil, é somente na década de 1990 que se começa a pensar na garantia dos direitos da criança. Cria-se o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990).

Com o objetivo de proteger e valorizar as crianças, o ECA prevê a proteção integral da criança e do adolescente, considerando criança o indivíduo de até doze anos de idade e adolescente, o de doze a dezoito anos de idade. Em casos excepcionais, aplicam-se as disposições do ECA às pessoas entre dezoito e vinte e um anos. O Estatuto também institui os conselhos tutelares – pelo menos um em cada município, de acordo com sua extensão, órgãos autônomos responsáveis por cuidar e zelar pelo devido cumprimento dos direitos das crianças e dos adolescentes (BRASIL, 1990).

A criança e o adolescente gozam, de acordo com o ECA, de todos os direitos fundamentais e inerentes à pessoa humana. O art. 5º dispõe: “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 1990).

A inserção da mulher no mercado de trabalho, com a indisponibilidade de tempo hábil para o cuidado de seus filhos, provocou o aumento na procura de escolas e creches paralelo à crescente urbanização (BARBOSA, 2000). No Brasil, não foi diferente. Mas foi somente nas décadas finais do século XX que o governo passou a se preocupar efetivamente com a educação formal da criança menor de seis anos.

A Constituição Federal de 1988, o ECA de 1990, foram dispositivos legais que contribuíram para a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 1996, a qual ratifica a Educação Infantil como dever de Estado e, sobretudo, afirma a educação como um direito social. Essa lei definiu a educação infantil como primeira etapa de educação básica, tornando-a parte integrante da educação necessária a todo o indivíduo, sendo fundamental a determinação da infraestrutura dos espaços a serem utilizados para as crianças e as diretrizes pedagógicas.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990 já havia disposto, em seu artigo 54, inciso IV que "é dever do Estado assegurar [...] atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade" (BRASIL, 1990). Assim, a LDB de 1996 veio somente fortalecer a ideia de que a educação Infantil deveria ser oferecida em espaços educacionais condizentes com suas propostas de caráter pedagógico, o que aconteceu em muitos municípios brasileiros.

Os estudos sobre a Educação Infantil têm-se ampliado nos últimos anos. Na Europa e na América essa expansão tem acontecido desde o final da década de 1960. Já no Brasil, somente a partir de 1970. Cada vez mais, observa-se que as pesquisas mostram a importância da educação da criança na primeira infância para o seu desenvolvimento completo. Mostram ainda a necessidade de haver, na primeira infância, uma intensa relação com as pessoas e com o meio social em que a criança está inserida (RIBEIRO; BATISTA, 2012).

Nesse sentido, a inclusão da Educação Infantil no sistema regular de ensino seja ele público ou privado, torna as entidades educativas, juntamente com a família da criança, corresponsáveis por sua formação integral, ampliando suas experiências, percepções e conhecimentos sobre o mundo.

3 OS TRAJETOS DESTA PESQUISA

3.1 Objetivos

Buscamos, nesta pesquisa, investigar como se dá a interação do bebê de 0 a 3 anos, com o livro e a literatura infantil.

Considerando o que foi apresentado até aqui, procuramos responder às seguintes questões:

- O contato com livros, com a leitura e com a literatura é importante e necessário para o desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos?
- Como o contato com o livro e a literatura pode ajudar no desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos?

3.2 O Percurso da Pesquisa

Esta pesquisa é qualitativa, pois preocupa-se com um aspecto da realidade que não pode ser quantificado - a interação do bebê com o livro e a literatura. Centra-se na “[...] compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32) que, neste caso, referem-se às que se dão entre o adulto – cuidador, professor, professor auxiliar, etc. –, a criança e o livro, a leitura e a literatura. No entanto, este trabalho também é bibliográfico. De acordo com Fonseca (2002, p. 32),

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto, pois baseia-se unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Todo o suporte desta pesquisa é bibliográfico, pois ela foi realizada com o objetivo de colher informações e conhecimentos a respeito de um problema – a leitura e a literatura para bebês – para o qual buscamos respostas: é importante para o desenvolvimento da criança? De que modo a criança absorve a leitura e a literatura? Buscamos, ainda, conhecimentos que nos permitam comprovar ou não uma hipótese: acreditamos que a leitura e a literatura possam contribuir para o desenvolvimento do bebê. Isso comprova-se?

Além de bibliográfica, podemos dizer que esta pesquisa também se constitui em uma pesquisa descritiva, pois esse tipo de pesquisa “ocorre quando se registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos, sem manipulá-los” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 79). E é exatamente isso que fizemos: correlacionamos fatos relatados na bibliografia, fatos esses estudados por pesquisadores respeitados e reconhecidos internacionalmente, registramos esses fatos em capítulos e fizemos uma breve análise – ainda bastante superficial, devido às nossas próprias limitações de tempo e inexperiência em pesquisa, principalmente.

3.3 Autores Pesquisados

Para este estudo, foram pesquisados diversos autores. Os que refletem sobre o início da educação, como Franco Frabboni (1998), que expõe sobre a ideia de infância, quando as crianças eram cuidadas pelos religiosos, no século XV.

Continuando sobre a primeira infância, encontra-se John Locke (1986), que é um problematizador da infância; Maria Iris Goulart (1999), que explica como deve ser a aprendizagem da criança de zero a seis anos no espaço institucional e Phillipe Ariès (1981), que reforça que o início da descoberta da possível “alma infantil” ocorre quando os padres locais passaram a não aceitar que as crianças morressem sem o batismo.

Entre os defensores da literatura infantil estão: Fanny Abramovich (1995), Gabriela Azevedo Aguiar, Marcos Nascimento e Gary Barker (2007); Bruno Bettelheim (1996); Teresa Maria Machado Borges (1994); Rosaura Ferreira da Silva de Freitas e Iguaracy Simões Loureiro Chirico (2011); Magda Soares (2009) e Regina Zilberman (2003).

Quanto às explicações sobre o desenvolvimento da criança, o corpo, linguagem e aprendizagem encontram-se: Phillipe Ariès (1981); Regina Orth Aragão (2004); Michelle de Freitas Bissoli (2014); Dora Newcombe (1999); Marinês Jesus da Silva e Amanda Valiengo (2010) e Lev Semenovich Vygotsky, Alexandr Romanovich Lúria e Alexis N. Leontiev (2001).

Sobre a abordagem benéfica do brincar e a exploração do mundo físico pela criança, constam os autores: Hélita Carla Teixeira e Maria Neli Volpini (2014); Rosana de Paula Ribeiro e Cleide Vitor Mussini Batista (2012); sobre leitura e literatura na primeira infância, estudamos Evelio Cabrejo Parra (2013), uma das maiores autoridades sobre a primeira infância, no mundo, Maria Slemenson e Marion Frank (2013), Julia Priolli (2008) e Magali Moser (2013).

Quanto às bebetecas, foram pesquisados: Luciana Facchini (2009); Mariana Senhorini e Sueli Bortolin (2008).

Nem todos os autores enumerados aqui foram citados neste trabalho, mas a leitura de seus textos foi fundamental para a organização de nossa pesquisa.

Também consultamos a Declaração dos Direitos da Criança, adotada pela Assembleia das Nações Unidas em 20 de novembro de 1959, documento que reconhece a criança universalmente como sujeito de direitos; a Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, que se refere ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); a Constituição Federal de 1988, que assegura à criança brasileira o atendimento em creche e pré-escola; e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1996, que incluiu a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica.

4 O BEBÊ E O LIVRO

4.1 De Leitura e Literatura para Crianças

Os processos básicos de decodificação e a compreensão de palavras são particularmente importantes nas primeiras etapas da aprendizagem da leitura (ou leitura inicial na Educação Infantil), e devem ser bem assimilados no primeiro ciclo do ensino fundamental (até a quarta série), já que um déficit em algum deles atua como um gargalo que impede o desenvolvimento pleno e harmonioso dos processos superiores de compreensão leitora (PINTO, 2003).

Algumas habilidades e procedimentos leitores, quando adotados, facilitam as experiências posteriores do aluno, bem como sua convivência com a leitura em sala de aula, quebrando, desde cedo, o receio e o medo que este pode ter ao se deparar com atividades que envolvam tal procedimento (PINTO, 2003).

A leitura não pode ser confundida com a reprodução mecânica de informações, sob pena de produzir um leitor passivo e consumidor de mensagens irrelevantes para ele. O ato de ler, então, liga-se estreitamente à atribuição de significados ao texto. Assim, torna-se necessário, para a criança, o manuseio do material de leitura e escrita para o desenvolvimento da leitura. Kappes et al. (2012) recomendam que se encoraje a criança a ler todos os dias, todos os tipos de texto – bons livros, jornais, revistas ou qualquer coisa que realmente a interesse, e a criança ainda não lê, encontrar alguém que possa ler para ela.

Os autores continuam explicando que depois de ter lido o texto, a criança poderá, por exemplo, reler o título e explicá-lo, observar as figuras e dar uma interpretação, rever o vocabulário, desenvolver uma lista de palavras difíceis de guardar, criar perguntas para testar sua interpretação, ler os títulos dos capítulos e comentá-los e desenhar a respeito do que foi lido (KAPPES et al., 2012).

Mario Vargas Llosa (2009) afirma que na maioria das vezes que indaga uma pessoa a respeito da leitura, ele obtém as mesmas respostas. Uns dizem não ter tempo hábil para ler, outros acham que é perda de tempo. Afirma também que estamos vivenciando uma era tecnológica e que, apesar desta trazer muitos benefícios para o ser humano, ela também pode destruir os denominadores culturais

que permitem a coexistência, a comunicação e a solidariedade, levando à separação entre pessoas. Por isso, a importância de se incentivar os pequeninos à leitura de literatura desde muito cedo, pois quando a criança lê (ou ouve à leitura de) uma obra literária escrita, ele compreende a si mesmo e ao outro. Seu potencial de criatividade é desenvolvido, seus horizontes são ampliados e ela percebe melhor o mundo e a realidade que a cerca. Llosa não está sozinho: “Enquanto diverte a criança [...] a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança” (BETTELHEIM, 1996, p. 20). No entanto, não é qualquer história que tem esse poder:

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam... (BETTELHEIM, 1996, p. 13).

Quando se lê para uma criança, ela vivencia as emoções e as problemáticas que a história traz, permitindo que use e abuse de sua imaginação:

É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez brotar... pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

Quando uma criança ouve uma história ela pode identificar se o personagem é do “bem ou do mal” percebendo, assim, suas próprias ações ou se já teve ou não atitudes semelhantes à do personagem. Permite que faça comparações entre a atitude do personagem e ela mesma e isso pode ajudá-la a resolver os problemas que vivencia:

Ler histórias para crianças... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento.... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados, resolvidos pelas personagens de cada história... É a cada vez ir se identificando com outra personagem...e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas... (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

Ressalta-se que as crianças precisam passar todos os dias por momentos de leitura e não apenas de vez em quando, de modo que ler passe a ser um hábito constante e prazeroso. As crianças devem crescer com a consciência e o conhecimento de que a leitura “abre as portas” para o mundo, possibilitando que se tornem pessoas competentes, com sensibilidade e imaginação. Dessa forma, o ato de ler torna-se um processo de “construir significados” a partir das histórias (ABRAMOVICH, 1995); uma forma de interação entre o texto (a história) e o leitor (neste caso, o ouvinte, pois a criança de 0 a 3 anos ainda não lê por si). “Se a leitura é uma interação, convém lembrar que, só se interage com aquilo que se conhece” (SOLÉ, 1998, p. 22) e, por isso, precisa compreender o lido, ou seja, construir significados a respeito do que ouviu.

Para maioria dos alunos, a escola é o único local onde eles têm contato com livros e situações de leitura. A leitura – e, especialmente, a literária – tem, sim, cremos, um grande poder de transformação quando ela é feita de forma prazerosa e lúdica desde a mais tenra infância. Assim, se o aluno vive intensamente em um ambiente escolar de leitores, se frequenta escolas que incentivam a leitura, trabalhando no sentido de se formar, no aluno, o hábito de leitura, ele tem tudo para chegar à fase adulta como um leitor assíduo (PICANÇO; PANTOJA, 2013).

4.2 O Bebê: Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem e seus Mecanismos Biológicos

Do nascimento aos 12 primeiros meses de idade, a criança necessita de cuidados especiais, como proteção, alimentação e saúde. Além da estimulação sensorial, precisam sentir que são amadas pelos pais ou cuidadores (ARAGÃO, 2004).

Até os 3 anos de idade, as crianças adquirem habilidades motoras, cognitivas, linguagem e aprendem a ter autocontrole e independência por meio da experimentação e brincadeiras. Já entre os 3 e 6 anos, as crianças aperfeiçoam suas habilidades motoras finas, aprimoram sua linguagem, desenvolvem sua sociabilidade e iniciam a aprendizagem da leitura e da escrita (AGUIAR; NASCIMENTO; BARKER, 2007, p. 3).

Quanto ao intelecto, a aprendizagem é feita através dos sentidos. Os gestos acompanham as conversas e a concentração vai se expandindo por períodos mais longos (ARAGÃO, 2004).

Quando uma criança nasce, obviamente não consegue entender o que lhe é dito. É apenas com o decorrer do tempo que o bebê começa a compreender e dar sentido a tudo o que ouve. É o início da aquisição da linguagem. Posteriormente, a comunicação entre a criança e seu cuidador se aperfeiçoa de modo que, aos poucos, o entendimento e a produção da linguagem evoluam. Desta forma, por meio da linguagem, a criança tem acesso, antes mesmo de seu aprendizado com relação à fala, a valores, crenças e regras, adquirindo conhecimentos acerca de sua cultura (BORGES; SALOMÃO, 2003).

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem dependem de muitos fatores. Para que este desenvolvimento ocorra sem nenhum contratempo, é necessário que tenha havido um parto sem intercorrências e interação social desde a concepção. Apesar de a aquisição da linguagem dar-se desde o momento em que o bebê é concebido por sua mãe, estudiosos notaram que existe uma interação entre o que a criança traz em relação aos fatores biológicos – a estrutura cerebral, principalmente – e a importância dos estímulos que recebe do meio em que se está inserida. Assim,

qualquer modificação ou alteração desses fatores pode ser prejudicial ao seu desenvolvimento cognitivo e social (GERBER, 1996).

Com base nessas experiências adquiridas, a criança apropria-se, paulatinamente, das regras de ação e comunicação que vão surgindo progressivamente (OLIVEIRA, 2007). Entre oito e dez meses são formadas diferentes capacidades comunicativas e cognitivas, habilidades mentais fundamentais para a formação da competência linguística. Primeiro ocorre a fase de compreensão, em que a criança responde a pedidos e proibições. Em seguida, a criança produz as primeiras palavras. Porém, só aos 20 meses é detectada a capacidade de combinar palavras e, logo, inicia-se a gramaticalização (SILVA; VALIENGO, 2010).

O processo de aprendizagem atinge um grau elevado de desenvolvimento por meio da participação imitativa, ou seja, observando o outro mais experiente, sejam os familiares, o professor ou os colegas. Esse processo permite que a criança faça uso de suas funções psicológicas, auxiliando-a a solucionar, relacionar e até mesmo criar hipóteses, de modo a ser capaz de agir autonomamente (SILVA; VALIENGO, 2010).

[...] a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superarem a ação impulsiva, a planejarem a solução para um problema antes de sua execução, e a controlarem seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma nova e superior atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais (VIGOTSKY; LÚRIA; LEONTIEV, 2001, p. 31).

A conquista da linguagem representa um marco no desenvolvimento da criança, pois passa a expressar o pensamento e também age de maneira a organizar seu pensamento. Através da linguagem, a criança planeja as ações futuras, conseguindo ir além das experiências imediatas. Isso permite que realize operações psicológicas bem mais complexas, ou seja, passa a poder prever, comparar, deduzir etc. Nessa perspectiva, a criança deve ser vista como alguém que tem ideias próprias, sentimentos, vontades, que está inserida numa cultura, que pode aprender e que precisa ter possibilidades de desenvolver suas diferentes competências cognitivas (TEIXEIRA; VOLPINI, 2014).

4.3 Leitura e Literatura na Primeira Infância

Os bebês nascem com uma sensibilidade e percepção extremamente vastas a voz humana, tentando assim construir significados para o que estão ouvindo (PARRA, 2013).

A criança insere-se no mundo da leitura antes de saber ler, porque seu primeiro contato com a leitura é através da audição da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, histórias inventadas, trechos da Bíblia, livros atuais ou curtinhos etc. Pode-se dizer que quem se dedica a ler para uma criança desde seus primeiros meses de vida, valoriza e ao mesmo tempo enriquece o ato da leitura estreitando seus laços afetivos com a mesma, fazendo com que ela se aproxime e aprecie esse universo mágico que é a leitura, despertando o prazer de ouvir o som das palavras (PARRA, 2013). Eles podem até não entender o enredo da história, mas a leitura em voz alta pode proporcionar a eles outras perspectivas das linguagens oral e escrita, ajudando assim em seu desenvolvimento:

É durante a leitura que os bebês têm a oportunidade de ouvir e esse tempo é fundamental. Eles se colocam em posição de escuta e podem construir significados à sua maneira: observam o rosto do leitor e a direção do olhar dele e vão aprendendo o que é um livro (PARRA, 2013).

Os bebês conseguem perceber que a fala do dia a dia é distinta daquela usada em uma leitura, já que esta tem harmonia, ritmo e emoção (PARRA, 2013; PRIOLLI, 2008). Além disso,

Especialistas acreditam que, para alguém se interessar por livros na vida adulta, é fundamental que a palavra escrita esteja ao seu alcance desde cedo. Ou seja: estimular a leitura dentro do berçário, com bebês que ainda nem aprenderam a falar, pode ser o caminho mais curto para a formação de um futuro leitor. Manuseando um livro, eles são capazes de identificar a existência da grafia e passam a estabelecer uma relação direta com a linguagem escrita (PRIOLLI; 2008).

As possibilidades que são oferecidas na literatura infantil a partir da contação de histórias contribuem para introdução da criança no mundo letrado (FREITAS; CHIRICO, 2011).

A leitura frequente de histórias para crianças é, sem dúvida, a principal e indispensável atividade de letramento na educação infantil. Se adequadamente desenvolvida, essa atividade conduz a criança, desde muito pequena, a conhecimentos e habilidades fundamentais para sua plena inserção no mundo da escrita (SOARES, 2009, p. 8).

Ao ouvir histórias a criança não é envolvida apenas pelo aspecto emocional, mas também cognitivamente, pois seu pensamento é estimulado a buscar significação para o que ela está ouvindo, o que a ajuda a elaborar internamente seu universo de significados. Para a criança, ouvir histórias estimula a criatividade, o intelecto, os sentidos e desenvolve as formas de expressão, constituindo-se em momentos de aprendizagem. Também dá à criança segurança emocional. Através da narrativa, a criança começa a entender o mundo ao seu redor e estabelecer relações com o outro, ou seja, favorece a socialização. Consequentemente, mais tarde ela se sai melhor no aprendizado e será um adulto mais feliz (ABRAMOVICH, 1995).

De acordo com Ziberman (2003, p. 45), há dois elementos com os quais a criança lida para a conquista da compreensão do real: as histórias e a linguagem. Assim, é necessário oferecer a ela “uma história que apresenta de maneira sistemática as relações presentes na realidade, que a criança não pode perceber por conta própria e a linguagem [adequada], que é o mediador entre a criança e o mundo”. Ela não está sozinha:

Entre as condições facilitadoras da motivação das crianças para a literatura destacam-se: A seleção adequada de obras literárias para crianças pré-escolares; a forma de se apresentar o texto literário às crianças; o estímulo à recriação e à expressão literária infantil (BORGES, 1994, p. 126).

A leitura para bebês é uma importante forma de inserção na linguagem da narração, favorecendo assim a aquisição de linguagem, a composição do pensamento e a formação do sujeito. Pensamos que expor os bebês aos livros, às parlendas, às leituras em voz alta ou livros de imagens enriquece seu cotidiano e auxilia na construção da linguagem e do pensamento. Expor o bebê a diversas formas de narração é supor no bebê um interlocutor, um pequeno leitor que pode compreender

e se apaixonar por esta importante forma de linguagem (PARRA, 2013; SLEMENSON; FRANK, 2013; PRIOLLI, 2008).

Diante do que foi exposto, é possível considerar que a Literatura Infantil deve ser um elemento presente nos currículos escolares desde os anos iniciais da Educação Infantil, não apenas como mais um instrumento didático ou estratégia para distrair as crianças, mas como recurso significativo à aprendizagem ao desenvolvimento físico, afetivo, cognitivo e social da criança, sem perder de vista o entretenimento que a mesma oferece.

No entanto, o que se vê, no Brasil, é que grande parte dos professores e profissionais que trabalham com crianças de 0 a 3 anos, não foram preparados para lidar com a questão da formação de leitores. Além disso, as escolas de Educação infantil não estão equipadas com obras literárias que atendam crianças dessa faixa etária, ainda que, nas últimas duas décadas, o governo Federal tenha distribuído livros por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). As obras distribuídas até 2014 não eram específicas para a primeira infância (ALISSON, 2014).

Para contribuir com o desenvolvimento pleno da criança, em alguns países foram criadas as bebetecas.

4.3.1 Bebetecas

Os pequeninos adoram ouvir histórias contadas por adultos, ainda mais se elas forem contadas de forma alegre e divertida. Quando educadores e pais leem para os bebês – como já afirmou Moser (2013), um importante vínculo afetivo se estabelece, contribuindo com seu desenvolvimento (SLEMENSON; FRANK, 2013).

Quanto mais cedo a criança entra em contato com um livro, maior será a chance de se tornar um leitor quando adulto. Para haver este estímulo é que surgiram as bebetecas (na França, mas o mundo só as conheceu em 1987, numa conferência sobre a educação de bebês que ocorreu na Espanha), um local para os bebês e seus familiares, envolvendo a criança pelo lado lúdico e despertando nela, o gosto pela leitura (FACCHINI, 2009).

Jéssica Câmara Siqueira (2014, p. 30) define bebeteca como “um espaço de leitura voltado às crianças menores de três anos, com o objetivo de incentivar a leitura entre os bebês a partir de atividades lúdicas”. Outros estudiosos dão mais detalhes:

[...] a Bebeteca é uma biblioteca especialmente destinada para os bebês, seus pais ou responsáveis em trabalhar todas as possibilidades de leitura e envolvendo a criança no mundo lúdico, despertando primeiramente, o prazer e a paixão pela leitura. A Bebeteca também procura estimular nas crianças o gosto de estar no ambiente da biblioteca, contribuindo para que quando forem adultos modifiquem os conceitos existentes sobre este espaço em nossa sociedade (SENHORINI; BORTOLIN, 2008, p. 129).

O bebê é conquistado nesse ambiente, porque se trata de um espaço de prazer. Ao mesmo tempo em que o bebê interage com outros bebês e adultos, familiariza-se com cores, brinquedos e livros de diversas texturas e tamanhos, pois o acervo das bebetecas deve ser bastante variado, de modo a atender os bebês e seus pais. Também deve haver palco, cenários diversos, CDs e todo tipo de material que pode ser utilizado na contação de histórias (SENHORINI; BORTOLIN, 2008).

Ao contrário do que acontece em países como a França, Portugal e Espanha, no Brasil são escassos os projetos para o incentivo da leitura para bebês de zero a três anos, ainda que não sejam

[...] necessárias muitas verbas para a implantação de uma bebeteca, sendo que ela pode estar inserida dentro de bibliotecas públicas, escolares, comunitárias, instituições sem fins lucrativos e outras mais que desejarem investir no alicerce da sociedade por meio da criança (SENHORINI; BORTOLIN, 2008, p. 137).

Não é qualquer livro que os bebês podem “ler”, porque eles não leem do mesmo modo que uma criança maior ou em fase de alfabetização. Por outro lado, as crianças maiores já possuem um contato direto com o livro, através das obras distribuídas pelo PNBE.

O ideal seria que o governo também investisse nas bebetecas, contratando pessoal qualificado, adquirindo acervo adequado entre outras ações. No entanto, sabemos que a responsabilidade deste incentivo, até então, coube às bibliotecas públicas. Porém, as bibliotecas públicas, como estão estruturadas hoje, não permitem alcançar os objetivos de uma Bebeteca (SENHORINI; BORTOLIN, 2008, p. 137).

Pode-se citar como iniciativa pioneira, a bebeteca da Secretaria Municipal de Educação, Cultura Esporte da cidade de Castro, no Paraná. A ideia de sua criação foi em 2005 (FACCHINI, 2009). Nesse local há um espaço para brincadeiras e dramatizações, que acontecem durante 40 minutos e duas vezes por semana. Os bebês, além de ouvirem histórias, têm contato com bonecos, figuras e fantoches. A escola chama-se “Cavalinho de Pau”. Na rede municipal de Castro existem mais oito escolas com o mesmo padrão de qualidade, que atendem às crianças da região (MACHADO, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve o objetivo de investigar como se dá a interação do bebê de 0 a 3 anos, com o livro e a literatura infantil. Verificamos que a infância só teve a devida atenção recentemente, por volta do século XIX e a primeira infância, fase que enfocamos neste estudo, somente a partir da segunda metade do século XX, quando foi promulgada a Declaração de Direitos da Criança.

No Brasil, foi a Constituição Federal de 1988 que formalizou a preocupação com a educação da criança menor de seis anos, preocupação essa reforçada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996.

Verificamos também que, a leitura para a criança implica em diversos aspectos e, dentre eles, na aquisição da linguagem, ferramenta fundamental usada pelo homem para entender, pensar e modificar o meio social em que ele vive. Assim, a linguagem e, por extensão, a leitura, é imprescindível para o desenvolvimento e para a aprendizagem de qualquer indivíduo.

Apuramos que o bebê tem contato com a linguagem via oralidade. A partir do momento em que escuta alguém falando, percebe a conversa. Ele percebe também quando há alguém lendo. Essas formas de reconhecimento (e provável compreensão da utilidade da oralidade) é um dos elementos responsáveis para a inserção do indivíduo no mundo das relações sociais.

Ainda que haja muitos estudos sobre a infância e que as pesquisas sobre a primeira infância tenham aumentado consideravelmente na atualidade, há pouca literatura disponível sobre a importância de se cultivar o hábito de leitura entre os bebês e sobre as bebetecas, que são espaços adequados para a promoção da leitura para bebês, com a interação dos pais, de profissionais especializados e outros bebês.

Constatamos que a literatura infantil desenvolve a imaginação e educa as emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. Contribui com o desenvolvimento cognitivo, intelectual e psíquico, colaborando com a formação da personalidade, por meio do conhecimento do outro e de si, bem como amplia o conhecimento do mundo. Contribui ainda com o comportamento. Por isso, é importante que a criança, desde bebê, tenha acesso à literatura infantil.

Averiguamos que desde o momento da concepção, a criança vai adquirindo conhecimentos sobre sua cultura, por meio das interações a que está sujeita, interações essas, mediadas pela linguagem que a criança vai aprendendo a interpretar conforme nasce e cresce. Do nascimento aos três anos, além da aquisição da linguagem, a criança adquire habilidades motoras, cognitivas que lhe permitem ser cada vez mais independente. Os estímulos que recebe são cruciais para o seu desenvolvimento.

A leitura de literatura, como vimos, é uma forma eficiente de estimular o desenvolvimento da criança em diversos aspectos (cognitivo, intelectual, psíquico, emocional etc.) e estratégia eficaz para que tenha facilidade na aprendizagem da escrita, posteriormente.

Vimos que apesar de o Governo Federal distribuir livros para as bibliotecas escolares brasileiras por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), as obras especificamente recomendadas à primeira infância são praticamente inexistentes. Ademais, os docentes e demais profissionais que atendem a essa faixa etária não estão preparados para desenvolver atividades de formação de leitores com essas crianças.

Para suprir essas deficiências, surgiram as bebetecas, modelo importado da Europa, que se constituem em espaços em que bebês “leem” por intermédio de profissionais, pais e cuidadores que aprendem a ler para eles. Assim, os dois entraves que se colocam entre a leitura literária e os bebês podem ser sanados na bebeteca.

O que se impõe, agora, é o investimento na implantação de bebetecas em todo o país.

Esperamos que este trabalho de pesquisa possa estimular a implantação de bebetecas nas escolas que atendem crianças de 0 a 3 anos, e orientar professores e monitores, pais e cuidadores de bebês, de modo que eles se conscientizem da necessidade e da importância da leitura “desde o berço”.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

AGUIAR, Gabriela Azevedo; NASCIMENTO, Marcos; BARKER, Gary. Breve panorama sobre a primeira infância. *Promundo*, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.promundo.org.br/wp-content/uploads/2010/05/Panorama-PI-Introducao.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

ALLISON, Elton. *Pesquisa expõe problemas na formação de leitores*. Agência FAPESP, 2014. Disponível em: <<http://agencia.fapesp.br/18789>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

ARAGÃO, Regina Orth (Org.). *O bebê, o corpo e a linguagem*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ARIÈS, Phillipe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Fragmentos sobre a rotinização da infância. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 93-113, jan./jun. 2000. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/48685/30326>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

BARROS, Miguel Daladier. Educação infantil: o que diz a legislação. *JusBrasil*, 12 nov. 2008. Disponível em: <<http://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/168958/artigos-educacao-infantil-o-que-diz-a-legislacao>>. Acesso em: 19 jun. 2016. Não paginado.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BISSOLI, Michelle de Freitas. Desenvolvimento da personalidade da criança: o papel da educação infantil. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 19, n. 4, out./dez. 2014.

BORGES, Lucivanda Cavalcanti; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Aquisição da Linguagem: Considerações da Perspectiva da Interação Social. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, n. 16, v. 2, p. 327-336, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a13v16n2.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

BORGES, Teresa Maria Machado. *A criança em idade pré-escolar*. São Paulo: Ática, 1994.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 73/2013 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2013. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70316/CF88_EC73.pdf?sequence=12>. Acesso em 10 de Setembro de 2014.

BRASIL. *LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 9. ed. Brasília: Câmara dos Deputados/Edições Câmara, 2014. Disponível em: <http://www.sineperj.org.br/admin/upload/legislacao_has_arquivo/LDBatualizadaemmaio2014.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BRASIL. *Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 16 jun. 2016. Não paginado.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. *Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. 2. ed. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro, Graal, 1986. Biblioteca de História, v. 13). Disponível em: <<https://carnica221.files.wordpress.com/2014/09/o-grande-massacre-de-gatos-e-outros-episodios-da-historia-cultural-francesa-robert-darnton.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

DECLARAÇÃO dos direitos da criança. Adotada pela Assembléia das Nações Unidas de 20 de novembro de 1959. São Paulo: Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da USP. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Crian%C3%A7a/declaracao-dos-direitos-da-crianca.html>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

FACCHINI, Luciana. Bebeteca: mediação pedagógica e animação cultural. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 20, set./dez. 2009.

FONSECA, João José Saraiva da. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRABBONI, Franco. A Escola Infantil entre a cultura da infância e a ciência pedagógica e didática. In: ZABALZA, Miguel A. *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira E. Mortalidade infantil no Brasil. *Brasil Escola*, 2016. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/brasil/mortalidade-infantil-no-brasil.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

FREITAS, Rosaura Ferreira da Silva de; CHIRICO, Iguaracy Simões Loureiro. Entendendo os espaços discursivos na educação infantil: um relato de experiência. *Revista Aleph*, Niterói, Ano 5, n. 16, nov. 2011. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistaaleph/pdf/art12.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. *Métodos de pesquisa*. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009.

GERBER, Adele. *Problemas de aprendizagem relacionados à linguagem: sua natureza e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GOULART, Maria Iris. Uma abordagem processual na prática da educação infantil. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, p. 29-37, set./out. 1999.

HISTÓRICO do desenvolvimento da infância desde a Idade Média até os dias de hoje. *Portal Educação*, p. 1-4, 11 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/26666/historico-do-desenvolvimento-da-infancia-desde-a-idade-media-ate-os-dias-de-hoje>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

KAPPES, Dany et al. *Dislexia*. 2012. Disponível em: <<http://www.profala.com/artdislexia18.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

LLOSA, Mario Vargas. É possível pensar o mundo moderno sem o romance? In: _____ (Org.). *A cultura do romance*. v. 1. Tradução de Denise Bootman. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

LOCKE, John. *Reflexões sobre educação*. Tradução de Rafael Lasaleta. Madri: Akal, 1986.

MACHADO, Maria Clara. *Educação infantil é prioridade no Paraná*. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC), 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=10011:sp-49412734>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

MOSER, Magali. Relação entre mãe e bebê na gestação evita complicações no nascimento. *DW notícias*, 21 set. 2013. Disponível em: <<http://www.dw.de/rela%C3%A7%C3%A3o-entre-m%C3%A3e-e-beb%C3%AA-na-gesta%C3%A7%C3%A3o-evita-complica%C3%A7%C3%B5es-ap%C3%B3s-o-nascimento/a-17101135>>. Acesso em: 26 jul. 2016. Não paginado.

NEWCOMBE, Dora. *Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussem*. 8. ed. Tradução de C. Buchweitz. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

OLIVEIRA, Zilma. *Educação infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2007.

PARRA, Evelio Cabrejo. Entrevista com Evelio Cabrejo Parra. *Nova Escola*, São Paulo, n. 259, Jan./Fev. 2013. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/creche-pre-escola/entrevista-evelio-cabrejo-parra-736818.shtml?page=0>>. Acesso em 30 jul. 2016. Não paginado.

PICANÇO, Lica; PANTOJA, Marly do Socorro da Costa. Viajando no mundo da leitura. *Recanto das Letras*, 08 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/4230392>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

PINTO, Maria Alice Leite. (Org). *Psicopedagogia: diversas faces, múltiplos olhares*. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

PRIOLLI, Julia. Fraldas e livros. *Nova Escola*, São Paulo, n. 18, abr. 2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/fraldas-livros-423723.shtml>>. Acesso em: 17 mar. 2015. Não paginado.

RIBEIRO, Rosana de Paula; BATISTA, Cleide Vitor Mussini. A importância do brincar para o desenvolvimento infantil: um estudo realizado com professores do EI6 da Rede Municipal de Londrina. Londrina, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/educacaoinfantil/aimportancia.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

SENHORINI, Mariana; BORTOLIN, Sueli. Bebeteca: uma maternidade de leitores. *Informação e Informação*, Londrina, v. 13, n. 1, p. 123-139, jan./jul. 2008. Disponível em: <file:///D:/Downloads/1819-5864-1-PB.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2016.

SIQUEIRA, Jéssica Câmara. Bebeteca. In: _____. *Glossário de ciência da informação e educação*, São Paulo: AgBook, 2014.

SILVA, Marinês Jesus da; VALIENGO, Amanda. O desenvolvimento da oralidade na educação infantil. *Interfaces*, Suzano, ano 2, n. 2, p. 21-24, out. 2010. Disponível em: <<http://unisuz.edu.br/interfaces/downloads/edicao-2/artigo-9.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

SLEMENSON, Maria; FRANK, Marion. Como fazer um bebê gostar de ler? *Educar Para Crescer*, 28 mar. 2013. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/gostar-ler-bebes-737294.shtml>>. Acesso em: 07 mar. 2015. Não paginado.

SOARES, Magda Oralidade, alfabetização e letramento. *Pátio Educação Infantil*, Ano VII, n. 20, jul. /out. 2009.

SOLÉ, *Estratégias de leitura*, 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEIXEIRA, Héliça Carla; VOLPINI, Maria Neli. A importância do brincar no contexto da educação infantil: creche e pré-escola. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro*, v.1, n. 1, p. 76-88, 2014.

TERUYA, Tereza Kazuko et al. *As contribuições de John Locke no pensamento educacional contemporâneo*. 2009. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada9/_files/BDxADftT.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2016.

UNESCO. *A criança descobrindo, interpretando e agindo sobre o mundo*, UNESCO, Banco Mundial, Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, Brasília, 2005 (Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância Cadernos Pedagógicos; 2). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001384/138429por.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch; LÚRIA, Alexandr Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 9. ed. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2001. (Coleção Educação Crítica).

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

Docente: Natalia de Mattos Queiroz

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luís Mialhe

Co-orientadora: Profa. Dra. Cristina Maria Vasques